

**toda
noite
amanhece**

Francisco Perna Filho

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2024

Tempos difíceis

Já é noite,
não vejo estrelas,
nem uma centelha de luz.
Talvez não amanheçamos,
continuaremos no breu,
ad eternum,
indiferentes.
Não tardarão
a fome,
o inverno,
o inferno,
a indiferença.
Seremos tão iguais,
tão famintos,
famélicos,
pura servidão.
Em passos rotos
estaremos,
sacrificaremos a última
árvore de nós,
sem nunca sabermos da sombra.
Seremos velhos
e culpados,
tão velhos

e culpados,
tão frágeis
e imprevidentes.
Imprevidentes!
dirão.

Acontecimentos

São duros os acontecimentos
do meu tempo:
escândalos,
crimes,
corrupção.
Enquanto isso,
lá no fundo,
a poesia,
à maneira da flor,
imprensada na rocha,
nas pedras,
silenciosa,
rompe o escuro das trevas
e, timidamente, brota.
Do lado de cá,
na rua deserta,
não há mais o grito do jornaleiro,
somente o silêncio:
Chico Anyasio, Millôr Fernandes, tio Tito Perna.
O tempo de agora
continua infinito,
e nele retumbam os acontecimentos
no instante,
no instantâneo do click,

do compartilhamento:
— quantos homens sós, meu Deus!
As vozes do meu tempo
são midiáticas,
virtuais,
escondidas,
quase inaudíveis,
mas fazem estragos maiores
do que o grito.
A dor do meu tempo é coletiva,
sofremos todos,
ainda cedo,
desde a Síria,
Egito,
Palestina,
Haiti.
Sentimos muito,
entre uma colher e outra
que levamos à boca.
Já nos acostumamos.
Vivemos a morte,
coletivamente,
sem remorso,
sem culpa,
sem memória,
sem nos darmos conta
de que também
morremos.

Captain, my captain

Móvel, a vespa parada espera,
Os olhos naturalmente cerram,
O bode berra,
O homem, sem saber, espera
a madeira explodir na testa.
“É terrorista!”, dirão,
na ilusão da vista,
no anglo autista das corporações.
“Captain my captain”
José atirado no poço,
Tanto esfor
ço,
tanta for
ça
para calar João:
“John, o tempo andou mexendo
Com a gente sim”
Captain my captain,
A ordem é um latido,
O particípio de ter:
tido,
de estar lá:
Sentido!.
Captain my captain,

Era certo que aconteceria,
sim, já era certo!
Uma semana antes,
Ouvi passos e gritos
Eram professores aflitos
fugindo da guilhotina.

Identidade

Aos 12 anos,
Sharbat Gula
tivera a alma roubada e impressa em papel fotográfico
na prensa do mundo.
Tornara-se famosa, cultuada,
cultivada nas paredes de ricos escritórios e apartamentos,
enquanto quedava sobrevivente em um campo de refugiados
na cidade de Peshawar, no Paquistão.
17 anos depois, já com 30 anos, desta vez no Afeganistão, fora
mais uma vez fotografada por Steve McCurry, que lhe falara
da fama, do mundo, mas nada lhe dera, e,
mais uma vez, nada lhe prometera, levando consigo a
imagem de uma alma dilacerada.
Aos 46 anos,
largada à própria sorte,
autora de três filhos
e refugiada em si mesma,
Gula, agora, está só, como sempre estivera,
fincada nos dias intermináveis de solidão e preconceito,
à procura da identidade
que lhe fora negada.
A menina afegã não existe mais.
Os seus olhos, outrora verdes e selvagens,
São agora tristes e opacos.

E-mail: *franciscopernafilho@gmail.com*

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em janeiro de 2024.
